

Terrorismo e as Armas de Destruição Maciça

Francisco Galamas¹

Resumo

Este ensaio tem como objectivo alertar para um novo terrorismo que se tornou visível com os ataques de 11 de Setembro de 2001, e a junção deste com armas de destruição maciça. A análise irá centrar-se nas possíveis conseqüências consoante o tipo de arma utilizado, já que estas têm utilidades e possibilidades distintas, assim como nas motivações do terrorismo religioso para o uso de armas de destruição maciça.

Palavras-chave: Armas de Destruição Maciça, Motivações do Terrorismo Religioso, Conseqüências Possíveis do Uso Terrorista de Armas de Destruição Maciça.

Abstract

This essay has the objective of alerting to a new type of terrorism that became visible with the attacks of 11th September of 2001, e a junction of the latter with weapons of mass destruction. The analysis will focus on the possible consequences according with the type of weapon used, since these weapons have different utilities and possibilities, as well the motivations of the religious terrorism for the use of weapons of mass destruction.

Key Words: Weapons of Mass Destruction, motivations of Religious Terrorism, Possible Consequences of the Terrorist Use of Weapons of Mass Destruction.

Introdução

¹ Licenciado em Relações Internacionais, pela Universidade Lusíada de Lisboa.

Mestrando em Relações Internacionais: Segurança e Defesa, pela Universidade Católica Portuguesa de Lisboa, Editor Intellector para a Europa. E-mail: galamas@netcabo.pt

Recebido em 23/05/2006. Selecionado para publicação em 20/06/2006.

Com os ataques de 11 de Setembro, o Mundo apercebeu-se da existência de um novo tipo de terrorismo, que procura infligir baixas em larga escala, tendência que vinha a ganhar visibilidade desde a década de 90.

A existência de grupos terroristas cujo único objectivo é o de causar um número elevado de mortos e a possibilidade destes grupos de adquirirem armas de destruição maciça é uma hipótese que se tem que evitar a todo o custo.

Este artigo irá analisar este novo tipo de terrorismo e o perigo que representa caso grupos terroristas consigam ficar na posse de algum tipo de armas de destruição maciça. Irei, inicialmente, fazer uma referência ao terrorismo, quais são as características deste novo tipo de terrorismo e suas tendências. Posteriormente, farei uma apresentação sobre as probabilidades e perigos, consoante os diferentes tipos de armas de destruição maciça, de os grupos terroristas conseguirem acesso a estas armas e o tipo de uso lhe poderão dar.

Terrorismo Religioso e suas Motivações

O terrorismo ao longo da História, foi usado como uma estratégia dos grupos mais fracos contra os mais fortes, pois percebem que não têm outra forma de provocar mudança. Tentam provocar essa mudança usando os seus pontos fortes, como a sua mobilidade, organização, anonimato, e, ao mesmo tempo, exploram as fraquezas dos seus adversários. A grande diferença relativamente aos outros tipos de violência, é que o terrorismo pode ser legitimado pela sua natureza política².

Mas desde o 11 de Setembro que o Mundo tem vindo a assistir a uma nova fase de actividade terrorista, a era jihad, nascida da Revolução Iraniana de 1979 e da derrota Soviética no Afeganistão. A era jihad caracteriza-se por uma

² Kira, James D., "Terrorism and Irregular Warfare", Makers of Modern Strategy, Oxford University Press, New York, 2002, pp. 211-212

alienação generalizada misturada com elementos de identidade e doutrina religiosa, que irá reforçar o terrorismo religioso.

O terrorismo religioso é especialmente perigoso para a segurança internacional, porque, primeiro, torna a luta terrorista como uma luta bipolarizada entre o “bem” e o “mal”. Essa bipolarização leva a que o terrorista desumanize as suas vítimas.

Em segundo lugar, o terrorista religioso comete os seus ataques de forma a agradar, directa ou indirectamente, a uma divindade, o que o torna especialmente perigoso e imprevisível, pois será difícil que este encontre constrangimentos para cometer ataques terroristas. O terrorista fundamentalista vê a vida na Terra como um prelúdio pouco importante para a vida após a morte, logo nem a sua própria integridade física interessa, estando disposto/a a fazer tudo para concretizar os seus objectivos, inclusive a perder a própria vida³.

Terceiro, pela sua natureza religiosa, o terrorista religioso não se deixa condicionar por valores ou leis seculares, nos quais se baseiam as sociedades Ocidentais. O objectivo é, exactamente, derrotar o sistema de Estados, erigido em 1648 em Vestefália.

Outra razão que torna este terrorismo tão perigoso para a segurança internacional, é a alienação do terrorista do sistema social existente. Para este, a questão não é melhorar o sistema social, é simplesmente substituí-lo. Para alguns grupos a destruição é vista como uma necessidade, de forma a purificar o regime social existente, o que torna a junção de armas de destruição maciça com o terrorismo religioso uma perspectiva real e alarmante. Para além da substituição do sistema social existente, o fundamentalismo vê a destruição da sociedade e a morte de um número elevado da população como uma pré-condição para o aparecimento de uma nova raça, logo o massacre é visto como um mandamento para destruir o “infiel”⁴.

Finalmente, o terrorismo religioso é particularmente perigoso para a segurança internacional, devido ao apoio popular que recebe na sociedade civil. O apoio

³ Laquer, Walter, *The New Terrorism: fanaticism and the arms of mass destruction*, Phoenix Press, London, 2001, p. 100.

⁴ Laqueur, Walter, *Ob. Cit.*, pp 81-82.

dado por algumas comunidades e organizações não governamentais muçulmanas⁵ permite a transformação de grupos terroristas em redes transnacionais, com células independentes, o que torna o desmantelamento de uma organização terrorista, numa tarefa muito mais difícil⁶.

Com estas características, o terrorismo religioso que despontou nos últimos anos apresenta tendências preocupantes, tais como o aumento de ataques de carácter religioso, aumento da mortalidade dos ataques⁷ pois os ataques agora efectuados são dirigidos, principalmente, contra os cidadãos e não contra os governos⁸.

A partir destas tendências, é possível concluir que grupos terroristas, religiosamente motivados, com o objectivo de infligir o maior número possível de baixas civis, terão todo o interesse em adquirir armas de destruição maciça⁹, especialmente quando o porta-voz da Al-Qaeda afirma que esta organização tem como objectivo o assassinio de quatro milhões de norte-americanos, incluindo um milhão de crianças¹⁰.

Mas existe mais uma razão para que estes grupos terroristas tenham interesse em adquirir armas de destruição maciça. A primeira está relacionada com a publicidade¹¹ de que estes grupos necessitam para alcançar alguns dos seus objectivos, já que uma acção terrorista sem qualquer tipo de publicidade tem um alcance muito limitado.

Qualquer acção terrorista que consiga matar e/ou ferir um número elevado de pessoas, usando armas de destruição maciça, tem automaticamente garantida uma enorme publicidade em torno dessa acção, assim como dos propósitos que reivindica.

⁵ Cronin, Audrey, "Behind the Curve: Globalization and International Terrorism", *International Security*, Volume 27, No. 3, pp 38-42.

⁶ Stern, Jessica, "Dreaded Risks and the Control of Biological Weapons", *International Security*, Volume 27, No. 3, p. 97.

⁷ Cronin, Audrey, "Behind the Curve: Globalization and International Terrorism", *International Security*, Volume 27, No. 3, pp 42-43.

⁸ Coker, Christopher, "Globalization and Insecurity in the Twenty-first Century: NATO and the Management of Risk", *Adelphi Papers*, International Institute for Strategic Studies, 2002, p. 39.

⁹ Cronin, Audrey, "Behind the Curve: Globalization and International Terrorism", *International Security*, Volume 27, No. 3, p. 44.

¹⁰ <http://www.foreignaffairs.org/20040101faessay83107/graham-allison/how-to-stop-nuclear-terror.html>

¹¹ Laqueur, Walter, *Ob. Cit.*, p. 41.

Mas será que todos os tipos de armas de destruição maciça apresentam os mesmos riscos? Não, dado que pelas características e componentes que cada tipo de armas de destruição maciça possui, estas necessitam de cautelas diferentes.



Armas Nucleares e Radiológicas

Relativamente a armas nucleares, um relatório das Nações Unidas calcula que um ataque terrorista, que consiga criar uma detonação nuclear, pode atingir cerca de um milhão de mortos e cerca de um trilhão de dólares, em prejuízos na economia mundial¹².

Para que terroristas consigam construir uma arma nuclear, por muito primitiva que seja, necessitam de urânio ou plutónio e de pessoas com qualificações para construir um engenho nuclear, embora esteja provado que 2-3 pessoas qualificadas conseguem produzir um engenho nuclear primitivo, com uma potência de cerca de 0,1 quilotoneladas¹³ (Kt).

Mesmo com uma potência reduzida, estes engenhos nucleares são capazes de destruir uma parte significativa de uma cidade de grande dimensão e contaminar uma área ainda maior com radioactividade, o que levaria meses ou anos a descontaminar e reconstruir a respectiva cidade¹⁴.

O problema do terrorismo nuclear não é tanto saber quem o irá pôr em prática, a questão é onde poderão os grupos terroristas adquirir este tipo de armas ou os seus componentes. Para o evitar, é necessário que não existam armas nucleares sem vigilância, impedir que se fabriquem novas armas nucleares ou material físsil, e é absolutamente essencial que não apareçam novos Estados nucleares, especialmente Estados que não conseguem garantir a total segurança e protecção das suas armas nucleares¹⁵.

Outra possibilidade ligada ao terrorismo nuclear, é a de os terroristas tentarem explodir um reactor nuclear, e desta forma conseguir causar uma libertação de materiais nucleares no ambiente em redor; este tipo de acção já foi tentado na Europa, tanto em França como em Itália¹⁶.

¹² <http://www.un.org/secureworld/report.pdf>

¹³ Uma arma nuclear de 1 quilotonelada equivale a uma potência de 1000 toneladas de TNT; 0,1 equivale a 100 toneladas de TNT.

¹⁴ Barnaby, Frank, "Dirty Bombs and Primitive Nuclear Weapons", Oxford Research Group, June 2005, p. 10.

¹⁵ <http://www.foreignaffairs.org/20040101faessay83107/graham-allison/how-to-stop-nuclear-terror.html>

¹⁶ Laqueur, Walter, Ob. Cit., pp 70-72.

As armas radiológicas¹⁷ são outro tipo de armas de destruição maciça muitas vezes referidas como possíveis de usar num ataque terrorista. Estas armas usam materiais radioactivos, que facilmente se encontram em instalações médicas ou industriais da nossa sociedade, e por isso, de certa forma, acessíveis a grupos terroristas.

Felizmente, uma explosão nuclear e o uso de explosivos convencionais em materiais radioactivos são duas coisas diferentes, pois um ataque terrorista que use o último método referido, cria grande parte do seu efeito destrutivo a partir do explosivo convencional e os efeitos radioactivos serão bastante limitados, embora a perspectiva de cancro a médio/longo prazo, para pessoas expostas à radiação, seja muito real¹⁸.

As armas radiológicas apesar de não terem a capacidade de causar destruição maciça, conseguem criar danos sociais, psicológicos e económicos já que causam pânico e perturbação social, objectivos esses fundamentais para um grupo terrorista.

Apesar de serem pouco eficazes, pela sua presença comum nas sociedades Ocidentais, existe a probabilidade elevada de que estas armas sejam usadas em futuros atentados terroristas¹⁹.

Relativamente às armas biológicas e químicas, estas armas apresentam características que as tornam muito mais apetecíveis para atentados terroristas.

Armas Biológicas

As armas biológicas são armas que espalham doenças, propositadamente, na população e/ou forças inimigas, usando para isso patógenos ou toxinas. Os patógenos são microorganismos capazes de provocar doenças enquanto

¹⁷ Mais conhecidas como “dirty bombs” ou “bombas sujas”.

¹⁸ Barnaby, Frank, How to Build an Atomic Bomb and other weapons of mass destruction, Granta Books, London, 2003, p. 38.

¹⁹ <http://www.un.org/secureworld/report.pdf>

toxinas são substâncias bioquímicas, não-vivas logo incapazes de se reproduzir, que provocam doenças²⁰.

Existem quatro tipos de patogêneos: bactérias, vírus, rickettsias e fungos. As bactérias causam doenças através da invasão de tecidos e/ou produção de toxinas venenosas, como as que causam botulismo ou tétano. As bactérias têm a particularidade de se conseguirem transformar em esporos e sobreviver em ambientes hostis durante meses ou anos. Os vírus não sobrevivem independentemente e, para sobreviver, necessitam de invadir células vivas para se reproduzirem e crescerem. Dentro dos vírus mais perigosos encontramos o vírus da varíola, do ébola e da SIDA. Rickettsias são bactérias que só podem viver dentro de células hospedeiras, como os vírus, e os fungos são organismos mais complexos do que as bactérias, que se reproduzem pela formação de esporos²¹.

As toxinas são substâncias bioquímicas venenosas geradas por organismos vivos, que apesar de altamente venenosas, não se reproduzem e por isso representam um perigo menor do que os patogêneos. É pouco provável que estas substâncias consigam penetrar a pele, mas são bastante mais tóxicos do que os venenos químicos²². Só a toxina²³ que provoca o botulismo é 15 mil vezes mais tóxica do que o gás nervoso VX e 100 mil vezes mais tóxica do que o gás Sarin²⁴.

As armas biológicas têm uma grande vantagem para o uso por parte de terroristas: são facilmente dissimuláveis, em instalações de pesquisa médica ou farmacêutica²⁵, o que torna o seu controlo extremamente difícil.

Mas o maior perigo das armas biológicas, para além do seu uso efectivo, é a possível manipulação genética deste tipo de armas, através da engenharia genética que torna possível a criação de variantes diferentes do mesmo vírus, de forma a torná-lo mais resistente a vacinas e antibióticos, mais letal, mais difícil de detectar e com maior capacidade de sobrevivência em certo tipo de

²⁰ Barnaby, Frank, Ob. Cit ., p. 41.

²¹ Barnaby, Wendy, Ameaça Letal: o perigo iminente das armas biológicas, Prefácio, Lisboa, 2002, p. 37.

²² Cirincione, Joseph, Rajkumar, Miriam e Wolfsthal, Jon B., Deadly Arsenals: Nuclear, Biological and Chemical Threats, Brookings Institution Press, USA, 2005, p. 58.

²³ Com origem na bactéria Clostridium Botulinum.

²⁴ Barnaby, Wendy, Ob. Cit., p. 42.

²⁵ Gray, Colin, Modern Strategy, Oxford University Press, New York, 1999, p. 351.

ambientes. A engenharia genética permite, também, combinar agentes diferentes de forma a produzir novas armas biológicas, chamados agentes quimera, para as quais ainda não existe um antídoto eficaz²⁶.

Outra das possibilidades da engenharia genética, é a criação de armas étnicas, que permite “programar” um vírus para atacar um alvo com uma identidade genética específica, ou seja, com base nas diferenças genéticas entre raças humanas²⁷. As armas étnicas podem ser especialmente apelativas para grupos terroristas de extrema-direita. Estes grupos põem os seus valores, interesses e raça acima de tudo, sendo os seus alvos predilectos as minorias étnicas, e previsivelmente as armas étnicas são armas que podem dar um contributo grande para o alcançar dos seus objectivos²⁸.

Outro perigo das armas biológicas é o tempo que estas demoram a manifestar-se. Podem passar-se horas como dias até que o vírus se manifeste, e durante esse período, o vírus pode contagiar ainda um maior número de pessoas. As armas biológicas são, também, altamente imprevisíveis pois dependem de certas condições naturais para o seu uso ser maximizado, e tanto podem ter efeitos extremamente limitados como podem ser tão mortíferas como armas termonucleares²⁹.

Mas essa imprevisibilidade das armas biológicas pode ser vista como um atractivo pelos grupos terroristas, pois através do contágio os agentes das armas biológicas podem alastrar e os seus efeitos serem muito superiores aos inicialmente planeados³⁰.

As armas biológicas não têm só capacidade de matar pessoas, podem também servir como armas económicas, já que podem ser usadas contra a agricultura e pecuária provocando prejuízos não só nessas áreas mas em toda a economia de um País, e com a crescente globalização poderá alastrar a outros Países. Os ataques de 11 de Setembro de 2001, em Nova Iorque, aumentaram em 10

²⁶ Baylis, John, Wirtz, James, Coheb, Eliot e Gray, Colin, *Strategy in the Contemporary World*, Oxford University Press, p. 278.

²⁷ Barnaby, Wendy, Ob. Cit., pp 150-151.

²⁸ Laqueur, Walter, Ob. Cit., pp 105-113.

²⁹ Stern, Jessica, “Dreaded Risks and the Control of Biological Weapons”, *International Security*, Volume 27, No. 3, p. 100.

³⁰ Lavoy, Peter, Sagan, Scott e Wirtz, James, *Planning the Unthinkable: how new powers will use nuclear, biological and chemical weapons*, Cornell University Press, USA, 2000, p. 5.

milhões o número de pessoas a viver na pobreza³¹, o surto de febre aftosa no Reino Unido, com origem em causas naturais, provocou prejuízos no valor de 40 milhões de libras³² e os atentados com anthrax em 2001, em Nova Iorque, criaram 100 milhões de dólares em prejuízos só nos EUA e 5 biliões de dólares em custos preventivos no sistema Postal norte-americano³³.

Em jeito de conclusão pode-se dizer que as armas biológicas são armas que apresentam as maiores vantagens para os terroristas, pois são fáceis de produzir, difíceis de detectar, criam pânico, têm alto nível de toxicidade, têm enorme impacto económico e combinam o nível de mortalidade elevado que a arma nuclear alcança, com o baixo custo presente nas armas químicas, embora existam grandes diferenças entre armas nucleares, químicas e biológicas. As armas nucleares têm um poder de destruição inigualável quer pelas armas químicas quer pelas armas biológicas.

Comparativamente às armas químicas, as armas biológicas conseguem abranger uma área maior de território, são mais mortíferas (1 tonelada de gás Sarin consegue matar 8 mil pessoas, 100 quilos de anthrax tem o potencial para matar 3 milhões de pessoas), não são reconhecidas até causar infecção e tendo em conta o custo/potencial das armas biológicas, estas tornam-se mais baratas do que as armas químicas³⁴.

Armas Químicas

As armas químicas são armas que dispersam agentes químicos de forma eficaz³⁵. Existem quatro tipos de agentes químicos: agentes sufocantes, agentes de sangue, agentes blister³⁶ e agentes nervosos.

³¹ <http://www.un.org/secureworld/report.pdf>

³² Bioweapons Prevention Project, Bioweapons Report 2004, p. 67.

³³ Leitenberg, Milton, Biological Weapons and Bioterrorism in the first years of the 21st Century, Center for International and Security Affairs, University of Maryland, April 2002, p. 37.

³⁴ Cole, Leonard, The Eleventh Plague: the politics of biological and chemical warfare, W.H. Freeman and Company, New York, 1997, p. 7.

³⁵ Barnaby, Frank, Ob. Cit., p. 55.

³⁶ Em português, borbulha.

Os agentes sufocantes são agentes que destroem o sistema respiratório das vítimas atacando a traqueia, inchando as membranas respiratórias e desta forma enchem os pulmões com fluído, fazendo com que a vítima se “afogue”.

Agentes de sangue, como hidrogénio de cianeto, são absorvidos pela respiração, e matam ao entrar na circulação sanguínea pois evitam que o sangue use o oxigénio para as tarefas essenciais, destruindo os tecidos celulares da vítima.

Quanto aos agentes blister são os agentes químicos mais persistentes pois ficam tóxicos por um maior período de tempo. Estes agentes, como o gás mostarda, queimam os tecidos expostos ao gás como os olhos, pele e pulmões.

Existem dois tipos de agentes nervosos: os de tipo G e os de tipo V. Estes dois tipos de agentes nervosos podem matar as suas vítimas por inalação, ingestão ou absorção pela pele.

Os agentes nervosos de tipo G foram desenvolvidos na Alemanha nazi, e incluem gases como o gás sarin ou o gás tabun, que conseguem inibir enzimas no corpo as quais são fundamentais para o funcionamento do sistema nervoso, desta forma paralisando os sistemas vitais do corpo humano, como respiratório. Apesar de mortais se inalados, os agentes nervosos série G esmorecem com facilidade no ambiente, logo com utilidade terrorista limitada. Os agentes nervosos de série V, onde se inclui o famoso gás VX, são mais recentes e por isso mais tóxicos, e persistentes³⁷.

As armas químicas partilham características comuns com as armas biológicas, pois são, também, facilmente dissimuláveis e ambas usam componentes de “duplo uso”. Alguns dos componentes das armas químicas são denominados como componentes de “duplo uso”, pois estes componentes são usados com bastante frequência na indústria e agricultura, tais como insecticidas e fertilizantes³⁸.

As armas químicas apesar de conseguirem afectar o sistema nervoso, sistema respiratório, epiderme e poderem impedir que o sangue consiga receber

³⁷ Lavoy, Peter, Sagan, Scott e Wirtz, James, Ob. Cit., p. 4.

³⁸ Gray, Colin, Ob. Cit., pp 351-352.

oxigénio, para atingir a dose letal é necessário mais agente por pessoa, do que em armas biológicas. Aquilo que se consegue atingir com alguns quilos de agentes biológicos, com agentes químicos seriam necessárias toneladas para o mesmo efeito³⁹, mas apesar de as armas biológicas serem, em quantidades iguais, mais mortíferas do que as armas químicas, estas últimas conseguem ter um efeito imediato, algo que poucos tipos de armas biológicas conseguem fazer⁴⁰.

Pela facilidade em encontrar os respectivos componentes e pelo seu custo baixo, não é difícil concluir que este tipo de armas tem uma grande utilidade para acções terroristas, principalmente se usadas contra populações civis. Em 1995, um culto de nome Aum Shinrikyo tornou-se o primeiro grupo não-estatal a lançar um ataque químico de larga escala com sucesso, contra a população civil de Tóquio⁴¹, e apesar do baixo número de baixas, é muito provável que outros grupos terroristas tentem acções semelhantes.

Conclusão

Foi objectivo deste artigo tentar demonstrar que com o 11 de Setembro o Mundo acordou para um novo terrorismo, que se tinha tornado mais visível na década de 90: o terrorismo religioso. Este tipo de terrorismo que apareceu com a Revolução Iraniana de 1979 e com a derrota Soviética no Afeganistão, apresenta características que o tornam particularmente desestabilizador para a segurança internacional, como o desejo de substituir o sistema social existente e derrotar o sistema de Estados existente desde o Tratado de Vestefália de 1648. Depois foram referidos quais os efeitos de um atentado terrorista consoante os diferentes tipos de armas de destruição maciça, dando especial ênfase à possibilidade de atentados terroristas com armas químicas e biológicas. Essa atenção especial deve-se ao facto de este tipo de armas serem de baixo custo, facilmente dissimuláveis e abundantes nas sociedades Ocidentais industrializadas.

³⁹ Barnaby, Frank, Ob. Cit., p. 63.

⁴⁰ Baylis, John, Wirtz, James, Coheb, Eliot e Gray, Colin, Ob. Cit., pp 280-281.

⁴¹ <http://www.cdi.org/terrorism/AumShinrikyo.cfm>

A perspectiva de um atentado que use qualquer dos tipos de armas de destruição maciça é absolutamente aterradora. Para tal se evitar deve haver cooperação efectiva a nível internacional, e a nível interno, entre o aparelho militar, serviços de segurança, serviços de Informações e académicos da especialidade, pois neste tipo de ameaças a margem de erro é nula.

Bibliografia

Monografias

BARNABY, Frank. How to Build an Atomic Bomb and other weapons of mass destruction. Granta Books, London, 2003.

BARNABY, Wendy. Ameaça Letal: o perigo iminente das armas biológicas. Prefácio, Lisboa, 2002.

BAYLIS, John, WIRTZ, James, COHEB, Eliot e GRAY, Colin. Strategy in the Contemporary World. Oxford University Press.

BIOWEAPONS PREVENTION PROJECT. Bioweapons Report 2004.

CIRINCIONE, Joseph, RAJKUMAR, Miriam e WOLFSTHAL, Jon B. Deadly Arsenals: Nuclear, Biological and Chemical Threats. Brookings Institution Press, USA, 2005.

COKER, Christopher. Globalization and Insecurity in the Twenty-first Century: NATO and the Management of Risk. Adelphi Papers, International Institute for Strategic Studies, 2002.

COLE, Leonard. The Eleventh Plague: the politics of biological and chemical warfare. W.H. Freeman and Company, New York, 1997.

GRAY, Colin. Modern Strategy, Oxford University Press, New York, 1999.

LAQUER, Walter. The New Terrorism: fanaticism and the arms of mass destruction. Phoenix Press, London, 2001.

LAVOY, Peter, SAGAN, Scott e WIRTZ, James, Planning the Unthinkable: how new powers will use nuclear, biological and chemical weapons. Cornell University Press, USA, 2000.

Ano III	Volume I	Nº 5	Julho/Dezembro 2006	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
---------	----------	------	---------------------	----------------	----------------

LEITENBERG, Milton. Biological Weapons and Bioterrorism in the first years of the 21st Century. Center for International and Security Affairs, University of Maryland, April 2002.

PARET, Peter. Makers of Modern Strategy. Oxford University Press, New York, 2002.

Fontes Periódicas:

BARNABY, Frank. Dirty Bombs and Primitive Nuclear Weapons. Oxford Research Group, June 2005.

CRONIN, Audrey. Behind the Curve: Globalization and International Terrorism. International Security, Volume 27, No. 3.

STERN, Jessica. Dreaded Risks and the Control of Biological Weapons. International Security, Volume 27, No. 3.

Fontes Informáticas

<http://www.foreignaffairs.org/20040101faessay83107/graham-allison/how-to-stop-nuclear-terror.html>

<http://www.un.org/secureworld/report.pdf>

<http://www.cdi.org/terrorism/AumShinrikyo.cfm>

CENEGRÍ

CENTRO DE ESTUDOS EM
GEOPOLÍTICA & RELAÇÕES
INTERNACIONAIS